

M
Sa 11 f

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

FORMAÇÃO DO EDUCADOR

1731

ANDRÉA FERNANDES DE SA

RA - 920171

MONOGRAFIA apresentada como exigência
parcial para aprovação na Disciplina
EP 150, "Sistemática do Trabalho In-
dividual e de Grupo", sob a orienta-
ção do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da
Silva.

CAMPINAS

1972

UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
BIBLIOTECA

SUMARIO

	pg.
1. INTRODUÇÃO	01
2. CONCEITUAÇÃO	02
2.1. PRÁTICA	
2.2. TEORIA	
3. O REAL	06
4. ALGUNS PROBLEMAS CAUSADOS PELA TEORIA	08
4.1. VENERAÇÃO A MODELOS ESTRANGEIROS	
4.2. MEDO DE DESRESPEITAR NORMAS	
5. CONCLUSÃO	11
NOTAS	13
BIBLIOGRAFIA	14
ANEXOS	15

RESUMO GERAL

A situação do ensino no Brasil ~~de~~ chegou a um ponto tão catastrófico que para sua recuperação será necessário muito esforço, trabalho, boa vontade e conscientização, principalmente da parte dos políticos que administram nosso país.

Com a decadente situação do ensino, são muitos os prejudicados. Quem tem sofrido muito com esta desvalorização são os educadores, que perderam seu valor e sua posição juntamente com o ensino.

~~Com~~ a esta monografia, levantar o aspecto relacionado à formação do educador que vem decaindo, sendo desvalorizado e esquecido juntamente com a educação do país.

" AS MASSAS HUMANAS MAIS PERIGOSAS
SÃO AQUELAS EM CUJAS VEIAS FOI
INJETADO O VENENO DO MEDO. DO
MEDO DA MUDANÇA. "

OCTAVIO PAZ

1. INTRODUÇÃO

Foi baseada nas entrevistas, feitas junto á professores da rede estadual de primeiro grau, que fiz esta monografia.

O tema central desta é a formação profissional destes professores.

A grande maioria dos entrevistados revelam que a maior dificuldade enfrentada é a falta de preparo para a prática pedagógica. Criticam seus cursos de magistério por não passarem uma idéia do que seja a realidade de uma sala de aula, e se basearem apenas na transmissão da teoria, deixando a prática de lado. Quando chega o momento de enfrentar o dia a dia da sala de aula, não sabem onde aplicar a teoria aprendida. Dizem que muitas vezes as teorias não se encaixam na realidade das salas de aula.

Em momento algum criticam a falta de uma boa teoria para a formação, criticam apenas a falta da prática na formação do magistério. Colocam toda a culpa do despreparo para enfrentar a realidade das salas de aula, na falta de prática e não no despreparo teórico.

Então, farei esta monografia baseada no ponto mais problemático encontrado na formação destes profissionais (segundo os próprios professores), que é a relação teoria e prática, onde reclamam do excesso de teoria e a falta da

prática, para enfrentar sua realidade profissional.

Porém, gostaria que ficasse bastante claro o seguinte aspecto (o problema da teoria e da prática) não são os únicos responsáveis pela má formação dos professores. Existem outros fatores que colaboram para a desqualificada formação do educador. Ressaltei apenas este fator que é a relação da teoria e prática porque minha monografia será baseada nas entrevistas junto a alguns professores, e foi exatamente este o fator que eles ressaltaram.

2. CONCEITUAÇÃO

Sem a menor sombra de dúvida, há no Brasil uma excelente produção teórica sobre educação. Principalmente depois da década de 70, quando "o pensamento pedagógico brasileiro dá um salto de qualidade" (1), na tentativa de buscar o que havia de melhor produzido mundialmente na área educacional. E não se pode negar que avançamos muito nesta área.

Realmente, podemos, hoje, contar com uma ampla bibliografia nacional, que não perde em nada para o que é produzido de melhor em outras nações. Mas em compensação, nossa prática se encontra em péssimas condições, situação oposta à teórica. Pode-se dizer que a prática se encontra numa posição amplamente catastrófica.

Por outro lado, é importantíssimo revelar que a

grande maioria dos educadores, nunca ^{TEVE} ~~tiveram~~ acesso a esse patrimônio pedagógico brasileiro, ao qual me referi acima.

Desta forma, não posso afirmar que o grande problema dos educadores se resume na falta de prática, e jamais na falta de teoria.

O que posso afirmar é que o grande problema está também no acesso a grande quantidade de teorias de má qualidade. Tal fato, tem grande responsabilidade no choque do educador quando chega à sala de aula, para enfrentar a dura realidade do dia a dia.

A falta de atividade prática, tem sua porcentagem de culpa no despreparo do professor, mas é importante ressaltar que não tem a totalidade da culpa. O acesso a teorias de qualidade deficientes é tão responsável quanto a prática, ou até mais, pelo precário preparo do profissional do ensino.

Um grande ponto a ser considerado também, é a falta de compreensão do que seja realmente teoria e prática, normalmente é atribuído conteúdos errô[^]neos a estes dois termos. Com frequência é atribuído à teoria um conteúdo correspondente à "verbalismo", e à prática o conteúdo de "ativismo". Por final, o que acaba acontecendo, é a defesa de um certo ativismo (ações sem fundamentos) em nome da prática, e a crítica ao verbalismo (palavras sem importância) que é chamado de teoria (2).

Em suma, o que acontece, é a crítica à teoria em defesa da prática, isto se dá, principalmente porque a teoria que se aprende nos cursos de formação de professores são demasiadas deficientes, causando um despreparo imenso na hora de enfrentar a realidade das salas de aula; acabam acreditando que o principal causador desse despreparo é a falta de uma formação prática. E o outro fator é uma certa distorção no conceito de teoria e prática, que acaba por impedir a visão da "dependência" que a prática tem em relação à teoria e vice-versa. //

Insisto no seguinte argumento, o acesso a teorias de má qualidade, a falta de prática durante os cursos de formação, a falta de noção do que seja realmente teoria e prática, não são os únicos responsáveis pela má formação dos professores. Existem outros aspectos responsáveis por este problema, tão importantes quanto o fato da teoria e da prática; além do motivo de existirem problemas teóricos e práticos existem diversos. O motivo de ter escolhido este assunto é porque nas entrevistas feitas, os professores ressaltaram o problema da falta de prática, então achei melhor seguir o rumo sugerido por eles. Gostaria que ficasse bastante claro este aspecto.

2.1. PRÁTICA

A prática tão desejada entre os estudantes, neste caso os de magistério, é relacionada aos estágios. Ou melhor, o que estes futuros professores querem, é um maior contato com salas de aula, necessitam entrar em contato e ter intimidade, com a futura realidade que vão ter um dia que enfrentar.

Na verdade, não querem entrar pela primeira vez dentro de uma sala de aula, sem já ter tido antes contato com um espaço físico semelhante, contato com pessoas, de certa forma, semelhantes.

A reivindicação é a seguinte, que ao entrarem pela primeira vez dentro de uma sala de aula, com uma média de quarenta alunos, e uma certa carga teórica a ser transmitida, a professora não se sinta um verdadeiro peixe fora d'água. É neste momento que entra a prática, os estágios durante o curso, para que estas professoras se habituem a seu ambiente de trabalho, antes de ter que enfrentá-lo com a responsabilidade de uma profissional, ou seja, sozinha de frente para sua realidade. E quando chegar este momento, querem fazê-lo com segurança.

2.2. TEORIA

A teoria é toda carga literária aprendida durante o curso. Embora o patrimônio literário brasileiro seja exce-

lente, poucos estudantes de magistério tem acesso a este tesouro.

Esta teoria vista durante o curso de magistério pode ser entendida como, o já citado, "verbalismo" ou seja, palavras ocas, com conteúdo palpêrrimo. É um conteúdo que vai sendo acumulado com o tempo, sem maiores explicações, e quando chega o momento de enfrentar a sala de aula, não tem a menor idéia de como aplicar esta teoria á complexa realidade escolar.

3. O REAL

Das sete entrevistas feitas, cinco das professoras fizeram críticas á questão do excesso de teoria e carência de prática. Uma apenas elogiou seu curso de preparação, se sentiu bastante preparada para enfre^utar a dura realidade da sala de aula, só tinha elogios a fazer. O último é um professor, ^{que} se sente despreparado no sentido de se relacionar com os alunos; sempre acostumado a colégios particulares, tem agora que enfrentar salas de aula estaduais, e não sabe como agir. Este último, não fez magistério, é universitário e a profissão de professor no caso dele, pode ser vista como um "bico", apesar de se posicionar contra tal atitude.

Dizem que, através de seus cursos de formação, não conseguiram segurança alguma, só adquiriram esta segurança

praticando. Para elas é a convivência do dia a dia com a sala de aula e os alunos que trás a prática e a segurança.

Chegam a afirmar que este despreparo para a realidade, despreparo na hora de planejar e de utilizar experiências trazidas pelos próprios alunos, e até despreparo na hora de aproveitar o ambiente para formular suas aulas, todo este problema tem como ^Sconsequência o autoritarismo. Acreditam que a falta de prática, que causa total despreparo, faz com que acabem usando métodos autoritários e até mesmo arcaicos.

É importante salientar que não só pela falta de prática, mas também pela falta de uma teoria bastante qualificada (não só por isso), que se encaixe à realidade de alunos e salas de aula, as professoras se vêem despreparadas, e até mesmo desqualificadas, para a profissão. E este choque com a própria realidade as transformam em professoras repressivas e autoritárias, pois passa a ser este o único meio de "dominar" o que não se conhece.

Quanto as sugestões dadas, elas variam bastante. Querem mais estágios. Falam de cursos que estejam mais de acordo com a realidade dos educadores, dos alunos e até mesmo do país. Cursos para professores a nível de atualização e reuniões nas delegacias de ensino, para discussões constantes a respeito de problemas que possam aparecer.

Desejam também, e a meu ver é bastante importante,

o acesso a teorias mais qualificadas, que possam ser aplicadas a realidade de alunos e salas de aula. Teorias essas que sejam capazes de proporcionar condições para o desenvolvimento de uma postura crítica e também reflexiva, e a partir das quais, passarão a avaliar também quais são as teorias de boas e más qualidade. E através do conhecimento de várias correntes pedagógicas, o professor poderá escolher aquela que corresponda com o que acredita.

4. ALGUNS PROBLEMAS CAUSADOS PELA TEORIA

Vou citar apenas dois pontos enfrentados pelos professores na hora de enfrentar a realidade. Na verdade, são vários os aspectos a serem enfrentados, e todos sem dúvida nenhuma de igual importância. Estes dois pontos são relacionados ao aspecto teórico. Um deles é o acesso a teorias baseadas em teorias estrangeiras. O outro está relacionado a um certo rigor por parte dos professores no cumprimento de certas leis. Talvez³ por medo seguem à risca o conteúdo de normas pré estabelecidas, e que muitas vezes nada tem haver com o ritmo de aula escolhido pelo professor.

4.1. VENERAÇÃO A MODELOS ESTRANGEIROS

Um grande problema a enfrentar na hora da realida-

de, é o confronto entre teorias baseadas em teorias estrangeiras com a realidade brasileira, que nada tem ^{à ver} ~~haver~~ com essas teorias.

Existe uma certa veneração á modelos pedagógicos estrangeiros. Há até mesmo uma pressão sobre professores de magistério, por parte de toda administração, para que o professor dê não só preferência, como também maior valor a tudo que seja estrangeiro. Esta situação é aceita sem críticas e por isso não há propostas de uma educação brasileira, que se encaixe ^{na} ~~a~~ realidade brasileira e satisfaça ^{as} ~~as~~ necessidades de brasileiros.

Não faz o menor sentido uma proposta que venha de fora, somos nós, os brasileiros, que temos que propor o que julgamos correto, dentro das instituições nas quais trabalhamos. O que é bom para um sistema, para uma realidade, pode não ser bom para outro. O que é bom para o sistema educacional estrangeiro, o que convém aos tópicos educacionais estrangeiros, certamente não se encaixa a realidade educacional brasileira.

Mas o professor mesmo tendo consciência deste facto, acaba fazendo a pedagogia que convém á família dos alunos, e se curva diante das exigências feitas, para manter seu emprego e sobreviver. Com tal processo educativo do educador, com este tipo de influência, ele se educa e se transforma para pior.

4.2. MEDO DE DESRESPEITAR NORMAS

É o caso de professores que seguem tudo à risca, pois têm medo de fazer qualquer coisa diferente do estabelecido; há um medo de desrespeitar normas, mesmo que às considerem absurdas. Se sentem apreensivos de questionar determinações vindas de superiores das escolas, das delegacias de ensino e de departamentos de Estado.

Esse medo o mais longe que faz chegar, é nos cochichos entre professores, mas nada sério, que resulte numa mobilização para confrontar elementos autoritários, idéias absurdas e leis sem fundamentos.

O medo vem também de normas estabelecidas pelos próprios pais de alunos, que são capazes de interferir e ameaçar a liberdade do professor dentro da própria sala de aula.

Por medo de perder o emprego, o professor se curva às exigências e acaba se habituando a este tipo de censura, suas idéias e críticas vão se tornando cada vez mais atrofiadas e pequenas.

É nesse momento que uma excelente carga teórica teria imenso valor. Teria ela a função de mexer cada vez mais a fundo com a criticidade e a reflexão do educador, que acabaria por questionar o sistema no qual é submetido sem muita escolha.

5. CONCLUSÃO

Volto a ressaltar que os pontos relacionados aos problemas enfrentados pelos professores, na hora de enfrentar a realidade, são muitos e todos sem dúvida nenhuma muito importante. O fato de citar apenas os pontos relacionados a teoria e prática, não significa de maneira alguma que os outros pontos, os outros problemas, sejam de menor importância, pelo contrário, todos se encontram na mesma plataforma de importância. O motivo de ter escolhido apenas este ponto, foi porque me baseiei na sugestão dada pelos próprios professores.

Teoria e prática não se encontram em pólos opostos como pensam muitos, uma depende da outra. Para o exercício da prática é necessário uma boa base teórica, e esta por sua vez, necessita ser de boa qualidade para que se encaixe à realidade. Considero que além desta função, a teoria de boa qualidade, tem o poder de transmitir a quem à tem acesso, uma postura crítica e reflexiva.

A falta de estágios, o acesso a teorias de má qualidade que tem o poder de atrofiar a reflexão e a criticidade, são aspectos muito fortes e responsáveis pela má formação do educador e pelo excesso de obediência às autoridades, mas não são os únicos. Se o problema se resumisse a este aspecto, ficaria bem mais fácil de resolvê-lo. A questão vai

muito além da teoria e da prática.

A realidade é que a questão do problema educacional foi posto de lado há muito tempo. Assim, a cada dia, vão se formando professores sem nenhuma criticidade e consciência do que estão fazendo a si e a tantos alunos que passam por suas mãos mal preparadas.

NOTAS

- (1) TESSER, Ozir. "Contribuição para o estudo da relação teoria/prática", in Educação em Debate. Ano X, n.13, 1. semestre de 1987, p.26.
- (2) SAVIANI, Demerval. "Contribuições da filosofia para a educação", in em aberto. Brasília, Ano IX, n.45, janeiro/março, 1990, p.05.

BIBLIOGRAFIA

MASCELLANI, Maria Nilde. "Quem educa o educador?", in Educação e Sociedade. Cortez Editora e Aut. Associados/Ce-
des. SP, Ano II, n.07, setembro 1980.

SAVIANI, Demerval. "Contribuições da filosofia para a educação", in ^Sem aberto. Brasília, Ano IX, n.45, janeiro/mar-
ço, 1990.

TESSER, Ozir. "Contribuição para o estudo da relação teoria/prática", in Educação em Debate. Ano X, n.13, 1 semestre, 1987.

ENTREVISTA JUNTO A PROFESSORES DE PRIMEIRO GRAU

DA REDE ESTADUAL

Perguntas:

1. O seu curso de formação (escola normal, magistério de segundo grau e/ou faculdade) foi suficiente e lhe deu segurança para a prática pedagógica em sala de aula? Forneça os porques.

2. Se voce pudesse dar uma sugestão aos responsáveis pelos cursos de formação de professores de 1. grau, que sugestões voce daria para melhorar esses cursos? Porque essa sugestão e não outra?

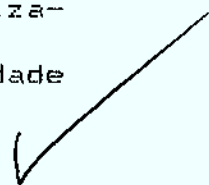
As perguntas acima foram efetuadas a professores de primeiro grau da rede estadual, as respostas estão nas próximas páginas. Os professores não disseram as séries que lecionam nem a quantidade de anos que trabalharam no magistério.

REPOSTAS

Primeira resposta - professora

58

1. Somente o segundo grau não foi suficiente para me habilitar a dar aulas. O que aprendi não bastava para lidar com todo o movimento da sala. Me vi como uma professora autoritária, com métodos arcaicos e mal preparada. Resolvi fazer pedagogia e está sendo ótimo para mim. Ainda tenho que ler muita coisa, continuo com o método tradicional (uso a cartilha) mas passei a aprender o próprio processo de aprendizagem. O curso superior está promovendo em mim uma criticidade que eu não tinha.



2. Que se preocupasse primeiramente com um ótimo embasamento teórico (conhecimento de várias correntes pedagógicas) para que o professor possa escolher o que mais corresponde com aquilo que acredita. E nunca desvincular essa discussão da realidade do ensino do nosso país pois por mais lindos que sejam as teorias precisamos o nosso falido sistema de ensino e para isso é preciso repensar a maneira como vem sendo realizado os estágios.



Segunda resposta - professora

59

1. Meu curso não me deu segurança, a segurança só se adquire praticando, ou seja, é no dia a dia que se adquire a prática pedagógica e só depois vem a segurança.

2. Minha sugestão seria que os alunos ficassem mais próximos das salas de aula em que terão que trabalhar depois, só os estágios não bastam.

Terceira resposta - professora

60

1. Os cursos de formação de professores estão por demais deficitários, não oferecem qualquer tipo de prática escolar. As jovens professoras chegam sem nenhuma noção de como planejar, utilizar experiências trazidas pelos próprios alunos e de aproveitamento do ambiente para formulação de suas aulas. Os cursos secundários transmitem conhecimentos, deixando também de lado a prática que é tudo para o professor, seja ele de qualquer disciplina.

2. Seria de grande importância, não só para os alunos, mas também para os professores já formados, reuniões semanais em D.E., como cursos com professores universitários e alunos à disposição para prática dessas atividades.

Quarta resposta - professora

61

1. Sim. Foram quatro anos muito importantes. A minha professora de teoria da literatura e didática era também professora de 5. a 8. série e nos proporcionou um entrosamento adequado à realidade pedagógica da época.

2. Para que eles se entrosassem com a verdadeira realidade escolar. Essa eu acho, é a sugestão mais importante.

Quinta resposta - professor

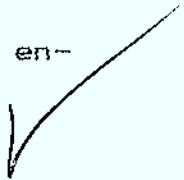
1. Leciono matemática e física achei que seria fácil porque achava que iria trabalhar somente com o primeiro grau. Mas tive que trabalhar com o segundo grau também, isso dificultou mais as coisas para mim que sou universitário e não tenho tempo para organizar as aulas. Eu não consigo ficar reprimindo os alunos constantemente, isso ainda não sei se é certo ou errado.

2. Encarar alunos dos colégios públicos como reais brasileiros já que esses é que sentirão ou sentem na pele o que é a realidade e que precisam de muita informação.

Sexta resposta - professora

1. Fiz curso colegial (humanas), fiz curso normal, e facul-

dade (Est. Sociais) e Ciências Sociais (incompleto). Creio que não existe formação para professor que lhe de segurança total para sua prática pedagógica. Com certeza aprendi muito mais participando de oficinas pedagógicas e cursos de reciclagem feitos hora na universidade, ora via delegacia de ensino, do que na formação acadêmica



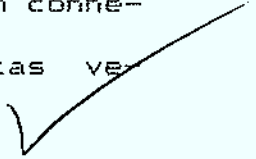
2. Precisa de linguística, de filosofia e ter o espírito treinado para observações científicas.



Sétima resposta - professora

64

1. Não. Porque nos cursos de formação, os alunos tem conhecimento das teorias, mas quando chega na prática muitas vezes as teorias não podem ser aplicadas.



2. A sugestão seria que os cursos viessem mais de encontro com as realidades dos educandos. Muitas teorias que são ministradas nos cursos não são aplicáveis à prática, o que ocasiona principalmente a insegurança do professor quando depara com a realidade.



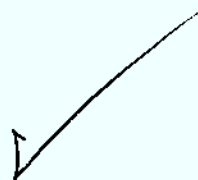
Assinale a(s) série(s) em que leciona : 1,2,3,4,5,6,7,8

Quantidade de anos no magistério : 3 anos

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO (utilize o verso, se necessário)

III8 - O seu curso de formação (escola normal, magistério de 2º grau e/ou faculdade) foi suficiente e lhe deu segurança para a prática pedagógica em sala de aula ? Forneça os porquês.

A prática pedagógica eu só consegui agora, depois dos 3 anos de magistério. Quando terminei a Faculdade, só tinha a teoria suficiente para que, com segurança, eu pudesse por em prática, tudo que aprendi; porque a prática só se consegue com bastante trabalho e perseverança.



III9 - Se você pudesse dar uma sugestão aos responsáveis pelos cursos de formação de professores de 1º grau, que sugestão você daria para melhorar esses cursos ? Porque essa sugestão e não outra ?

Os cursos de formação de professores de 1º grau estão precisando urgentemente de uma

